

LITERATURA, PORTUGUÊS E REDAÇÃO

O gigolô das palavras

Luis Fernando Verissimo

5 Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farroupilha estiveram lá em casa numa
mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo
da Gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. Cada grupo
portava seu gravador cassete, certamente o instrumento vital da pedagogia moderna, e
andava arrecadando opiniões. Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se
descabelava diariamente com as suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela
oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa
("Culpa da revisão! Culpa da revisão!"). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se
criasse. Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza
10 que não pegaram o Verissimo errado? Não. Então vamos em frente.

15 Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser
julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da Gramática, para
evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. A sintaxe é uma questão de uso,
não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo:
dizer "escrever claro" não é certo, mas é claro, certo? O importante é comunicar. (E quando
possível surpreender, iluminar, divertir, mover... Mas aí entramos na área do talento, que
também não tem nada a ver com Gramática.) A Gramática é o esqueleto da língua. Só
predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos¹ e professores de
20 Latim, gente em geral pouco comunicativa. Aquela sombria gravidade que a gente nota nas
fotografias em grupo dos membros da Academia Brasileira de Letras é de reprovação pelo
Português ainda estar vivo. Eles só estão esperando, fardados, que o Português morra para
poderem carregar o caixão e escrever sua autópsia definitiva. É o esqueleto que nos traz de pé,
certo, mas ele não informa nada, como a Gramática é a estrutura da língua, mas sozinha não
diz nada, não tem futuro. As múmias conversam entre si em Gramática pura.

25 Claro que eu não disse tudo isso para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância
com a Gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. Sempre fui péssimo em
Português. Mas – isso eu disse – vejam vocês, a intimidade com a Gramática é tão
indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria.
Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas exemplar conduta de um
30 cáften² profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e
potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para
satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas.
Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família
nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenha também o mínimo escrúpulo em
35 roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. As palavras, afinal, vivem na boca
do povo. São faladíssimas. Algumas são de baixíssimo calão³. Não merecem o mínimo respeito.

¹ **Necrólogos**¹ é aquele que realiza elogios sobre alguém falecido.

² **Cáften**, gigolô, é aquele que vive da prostituição.

³ **Calão** é um linguajar grosseiro.

Um escritor que passasse a respeitar a intimidade gramatical das suas palavras seria tão ineficiente quanto um gigolô que se apaixonasse pelo seu plantel⁴. Acabaria tratando-as com a deferência de um namorado ou com a tediosa formalidade de um marido. A palavra seria a sua patroa! Com que cuidados, com que temores e obséquios ele consentiria em sair com elas em público, alvo da impiedosa atenção de lexicógrafos⁵, etimologistas⁶ e colegas. Acabaria impotente, incapaz de uma conjunção. A Gramática precisa apanhar todos os dias para saber quem é que manda.

⁴ **Plantel** é um grupo de profissionais.

⁵ **Lexicógrafo** é um dicionarista.

⁶ **Etimologista** é aquele que estuda a origem das palavras.

Fonte: VERISSIMO, Luis Fernando. O gigolô das palavras. In: _____.
Para gostar de ler; Luis Fernando Verissimo: o nariz e outras crônicas. 10^a. ed. v. 14.
São Paulo: Ática, 2002. p. 77 e 78.